

A ATUAÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL EM TEMPOS DE PANDEMIA NO AMBIENTE ESCOLAR À LUZ DO PENSAMENTO COMPLEXO

THE PERFORMANCE OF THE EDUCATIONAL ADVISOR IN PANDEMIC TIMES IN THE SCHOOL ENVIRONMENT IN THE LIGHT OF COMPLEX THOUGHT

Ana Maria Freitas Dias Lima 1

Osmalina Freitas Dias 2

Maria da Paz Coelho de Sousa 3

Ana Irene Carneiro Borges Lucena 4

Resumo: A pandemia causada pelo vírus da Covid-19 trouxe várias turbulências e incertezas nos aspectos sociais, econômicos, políticos e educacionais da vida humana. Considerando esse contexto, este artigo teve como objetivo compreender a atuação do Pedagogo na função de Orientador Educacional, em tempos de pandemia, no ambiente escolar. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que buscou, na literatura impressa, nos portais de periódicos e na legislação educacional, dados referentes ao papel e à atribuição do Orientador Educacional no contexto educacional. Os resultados apontaram a necessidade de validação da importância deste profissional no trabalho direcionado às questões socioemocionais dos alunos, dos professores, da equipe gestora, da equipe administrativa e dos pais. Especialmente no momento pandêmico, em que o retorno à convivência em sala de aula ainda acontecia pautada no distanciamento social, a conclusão é de que o trabalho do Orientador Educacional é essencial para formação humana integral. Ao direcionar o seu fazer pedagógico, numa perspectiva do pensamento complexo, o Orientador Educacional compreende e considera o ser humano em sua multidimensionalidade.

Palavras-chave: Princípios-Guias. Educação. Orientação Educacional.

Abstract: The pandemic caused by the Covid-19 virus has brought several turmoil and uncertainties in the social, economic, political and educational aspects of human life. Considering this context, this article aimed to understand the role of the Pedagogue in the role of Educational Advisor, in times of pandemic, in the school environment. Methodologically, it is bibliographical research that searched, in the printed literature, in the portals of periodicals and in the educational legislation, data referring to the role and the attribution of the Educational Advisor in the. The results pointed to the need to validate the importance of this professional in the work aimed at the socio-emotional issues of students, teachers, the management team, the administrative team and parents. Especially in the pandemic moment, when the return to coexistence in the classroom was still based on social distancing, the conclusion is that the work of the Educational Advisor is essential for integral human formation. By directing his/her pedagogical practice, in a complex thinking perspective, the Educational Advisor understands and considers the human being in its multidimensionality.

Keywords: Guiding Principles. Education. Educational Orientation.

- 1 Graduada em Pedagogia (Unitins) Campus Tocantinópolis; Especialista em Orientação Educacional, Docência do Ensino Superior e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Instituição: Universidade Estadual do Tocantins – Unitins-Campus Araguatins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8649229189801546>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0486-1671>. E-mail: anamarlima@hotmail.com
- 2 Graduada em Letras-Universidade Estadual do Piauí (UESPI) Campus Floriano; Especialista em linguística com habilitação em docência do Ensino Superior. (UESPI). Instituição: Unidade Escolar Jacob Demes (UEJD). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9840547276453275>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6711-2328>. E-mail: linaprofdias@gmail.com
- 3 Graduada em Pedagogia (UEMA); Especialista em Administração e Supervisão Escolar. Instituição. Faculdade Integrada de Amparo-(FIA). Instituição: Universidade Estadual do Tocantins – Unitins-Campus Araguatins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6470572904892519>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5660-5496>. E-mail: pazcoelho74@gmail.com
- 4 Graduada em Pedagogia Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Especialista em Gestão Escolar Integrada com Habilitação em Inspeção, administração e Orientação. Instituição: Universidade Estadual do Tocantins – Unitins/Campus Araguatins-TO. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8731999917973417>. ORCID: <https://orcid.org/000-0002-1349-0374>. E-mail: ana.ib@unitins.br

Introdução

O mundo está passando por grandes transformações em diversos setores – econômico, político, social, educacional – em virtude da pandemia. A ocorrência da covid-19 trouxe turbulências e incertezas que impactaram sobretudo no cotidiano escolar. Escolas tiveram que ser fechadas para evitar a proliferação do vírus. Para Capra (1982, p. 19), as mudanças ocorridas, trata-se de “uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida, como a saúde, o modo de vida, [...] as relações sociais”.

Nesse sentido, essa crise, múltipla, afetou o planeta e todo o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido no ambiente escolar. O distanciamento das atividades escolares, dos alunos, professores e servidores da escola, de maneira repentina, gerou diversos problemas relacionados a questões socioemocionais, como ansiedade, depressão, síndrome do pânico, por exemplo.

Diante desse cenário, que impactou também o fazer pedagógico sistematizado na escola, direciona-se o seguinte questionamento: como tem sido a atuação do Pedagogo na função de Orientador Educacional durante a pandemia? Refletir sobre essa temática é relevante, pois busca conhecer as ações pedagógicas realizadas por este profissional. Segundo Porto (2009), o “fazer” do Orientador Educacional pauta-se na assistência ao aluno, professor, aos familiares e à equipe gestora pedagógica e administrativa da escola, nos aspectos cognitivos, psicomotores, sociais e afetivos.

Partindo desse entendimento, é necessário realizar um estudo para compreender o trabalho do Orientador Educacional no ambiente escolar, haja vista que, conforme a legislação educacional Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), art. 1º (BRASIL, 1996), pretende-se resgatar a importância da Orientação Educacional no processo educativo. O intuito desse resgate é contribuir com uma formação humana para o exercício da cidadania e atuação profissional no mercado de trabalho.

Diante dessa problemática, evidencia-se a necessidade de ressignificação do fazer pedagógico do Orientador Educacional, a partir do pensamento complexo, considerando que, conforme Morin (2001, p. 17), o ser humano “é, em simultâneo, físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico.” Portanto, especialmente em momentos como o do retorno às atividades educacionais durante a pandemia, alunos, professores e pais necessitam ser compreendidos em sua multidimensionalidade.

Orientação educacional: breve contextualização histórica

Historicamente o trabalho do Orientador Educacional percorreu um longo caminho, entrelaçados entre o comprometimento com a educação, as políticas educacionais vigentes e as diversas tendências pedagógicas. Conforme Grinspun (2003, p. 16), “para se compreender as atividades desenvolvidas pelos orientadores, temos que nos deter aos diferentes períodos.” Com base nesse entendimento, segue o quadro com apresentação dos diversos períodos.

Quadro 1. Períodos históricos

De 1920 a 1941 Período implementar	A Orientação começa a aparecer no cenário educacional brasileiro timidamente associada à orientação profissional.
De 1942 a 1960 Período institucional	Nesse período, que subdividido em funcional e instrumental, ocorre toda a exigência legal da Orientação nas escolas.
De 1961 a 1970 Período transformador	Traz uma Orientação Educacional caracterizada como educativa na Lei nº 4024/61. Profissionalização dos que atuam na área, por meio da Lei nº 5504/48.
De 1971 a 1980 Período disciplinador	A Orientação está sujeito à obrigatoriedade da Lei nº 5692/71, a qual determina, inclusive, o aconselhamento vocacional.

Década de 1980 Período questionador	Período que mais se questionam a Orientação Educacional, a formação e a prática realizada.
A partir de 1990 Período orientador	A prática do Orientador Educacional deve relacionar-se com o novo contexto educacional, social, político e histórico.

Fonte: Adaptado dos conceitos de Grinspun (2003).

Com base nos períodos históricos, são perceptíveis as diversas interpretações referentes à atuação do Orientador Educacional no ambiente escolar. Isso acontece desde a orientação profissional, em que a atuação se associa ao ato educativo e à profissionalização; até a função obrigatória, na qual, permeada de questionamentos sobre as práticas desenvolvidas até o momento atual, a sua atuação considera o contexto educacional, social, político e histórico. De acordo com Porto (2009, p. 47),

O advento da Orientação Educacional representa uma tomada de consciência em relação à realidade do educando e à complexidade da vida social. O que se pode observar na prática é que o educando ocupava posição secundária no processo educacional.

Nesse ínterim, o trabalho do Orientador Educacional vem sendo ressignificado a cada contexto histórico e tendência pedagógica que compreende o aluno de forma simplista e reducionista. Este modelo de formação humana encontra respaldo em um pensamento cartesiano de fragmentação dos saberes, dos aspectos cognitivos e dos aspectos socioemocionais.

As mudanças significativas no trabalho de orientação somente foram perceptíveis no século XX. Porto (2009, p. 47) enfatiza que nesse período o aluno é visto a partir da seguinte ótica:

[...] a vida social do educando começou a ser olhada como aspecto importante para o sucesso do processo educativo. Decorre daí a visão do educando, enquanto um sujeito com virtudes e carências, diferentes um do outro, o que determina aspirações diferenciadas. Este olhar diferenciado para o educando nos possibilita construir um olhar também diferenciado para o professor, sendo percebido como um ser falível.

Neste sentido, o fazer pedagógico do orientador é pautado por um viés mais humanístico. Nesse viés, o aluno é considerado sujeito de virtudes e carências, inserido num contexto social com limitações financeiras e problemas familiares, por exemplo. Logo, todos esses fatores são considerados como influenciadores no sucesso, ou fracasso escolar, que o aluno tenha na escola.

Um olhar diferenciado para temáticas que circundam o cotidiano do aluno favorece novas possibilidades de os professores repensarem suas práticas, por isso a relevância em se conhecer a realidade do aluno. No entanto, para que isso aconteça na prática, é necessário que alunos e professores venham para o centro do processo educacional.

Partindo desse entendimento, percebe-se que o trabalho do Orientador Educacional vem, ao longo de sua trajetória, buscando seu lugar no espaço escolar como mediador de conhecimento. Por meio das interações e aquisições dos diversos saberes, orientadores educacionais estão contribuindo para a formação humana nos aspectos socioemocionais, cognitivos e sociais.

Delineando o pensamento complexo

O pensamento é o exercício de uma ação dialógica incessante entre o simples e o complexo. A partir desta concepção, Morin (1999, p. 33) enfatiza que: “o problema-chave é o de um pensamento que una. [...] o pensamento complexo é o pensamento que se esforça para unir, não

na confusão, mas operando diferenciações. Isto parece vital, principalmente na vida cotidiana.” O pensar complexus – tecido junto – compreende, assim, que os alunos, os professores, a família e os orientadores educacionais estão imbricados na construção individual e coletiva de novos saberes, e são, portanto, partes indissociáveis da formação humana em todos os aspectos: educacional, social, cultural e emocional. Morin (2015, p. 83) enfatiza que:

O pensamento complexo não recusa de modo algum a clareza, a ordem, o determinismo. Ele os considera insuficientes, sabe que não se pode programar a descoberta, o conhecimento, nem ação... o que o pensamento pode fazer é dar, a cada um memento, um lembrete, avisando: Não esqueça que a realidade é mutante, não esqueça que o novo pode surgir e, todo, modo, vai surgir.

Em síntese, o pensar complexo evidencia a necessidade de pensar a atuação do Orientador Educacional, numa perspectiva que integre os diversos conhecimentos que permeiam a formação humana, ultrapassando, com isso, a visão linear newtoniana-cartesiana de “verdades absolutas”.

Ademais, este pensamento é trilhado sob uma ótica de religação de saberes, e compreende que o processo de construção do conhecimento passa por constantes transformações. Isso se tornou perceptível no contexto pandêmico, no momento em que se fez necessária uma reconexão individual e coletiva nos ambientes escolares, por causa das restrições de segurança – com base no protocolo da Organização Mundial de Saúde (OMS) – para o retorno às aulas presenciais.

O pensamento complexo surge tomando-se por base as reflexões da ciência clássica, a qual se baseia em três princípios: ordem, desordem e separação. Para entender o princípio da ordem, recorre-se à concepção de Morin (1977, p. 38):

A palavra ordem apresenta três conceitos: ordem física, em que todas as coisas obedecem às leis da natureza, ordem biológica na qual todo indivíduo obedece à lei da espécie e ordem social na qual todo ser humano obedece à lei da cidade

Nessa perspectiva, o universo é regido por ordens físicas e biológicas, seguindo a lei da natureza. Essa organização influencia a vivência em sociedade de maneira mecânica em um mundo organizado.

Segundo o físico francês Simon Laplace (1749-1827), o mundo é como uma máquina determinista, perfeita, que se basta. Para ele, por intermédio do mundo, seria possível conhecer todos os acontecimentos do passado e, também, prever e guiar os acontecimentos do futuro. Nessa perspectiva, significa considerar a vida humana como uma máquina perfeita, cujo percurso natural é um caminho linear, postulado de regras, fragmentações e limitações. Todavia, para Morin (2010, p. 202), se o universo fosse pensado somente na perspectiva da ordem [...] “seria um universo sem devir, sem inovação, sem criação”. Seria, portanto, um universo estático, sem possibilidades de avanços e descobertas, cuja sociedade viveria um aparente equilíbrio mecânico harmônico.

No princípio da separação e da noção de “separabilidade”, princípio cartesiano, formulado pelo cientista francês René Descartes (1596-1650), as bases fundamentam-se na decomposição de um fenômeno, ou de um problema, em elementos simples visando sua melhor compreensão. Morin (1999, p. 22) reitera que “este princípio de separação está de alguma forma confirmado no desenvolvimento das ciências, pela separação das disciplinas, umas em relação às outras”.

Com a concepção de separação, novos termos surgem e vão sendo acrescentados, a exemplo do princípio de redução. Neste princípio, é evidenciado que o conhecimento das unidades elementares permite entender amplamente as propriedades do conjunto. Além disso, a aquisição de conhecimento, de maneira disciplinar e fragmentada, tem como premissa a ideia de experimentação, ou seja, de separação; assim, dividir o objeto em partes, permitiria conhecê-lo melhor.

Outro termo associado à separabilidade é o da disjunção. Nele, o observador está separado da observação, na certeza de que a realidade pode ser examinada sem influência do observador. O princípio da separabilidade se deu em resposta ao fenômeno da especialização e hiperespecialização

disciplinar. Estas, no que lhes concerne, possibilitaram grandes descobertas como: células, átomos, partículas, entre outras. Essas descobertas contribuíram para o desenvolvimento das ciências.

Ademais, percebe-se que a separação entre ordem e desordem ainda permeia o cotidiano da vida humana na sociedade contemporânea. Sobre o princípio da desordem, este traz consigo o princípio da incerteza. Segundo Morin (1999, p. 23), isso acontece “porque não temos mais um algoritmo, não temos mais um princípio determinista que permita conhecer as consequências de tal ou tal fenômeno”. A exemplo de descobertas, em meados do século XIX, o físico Ludwig Boltzmann reconheceu o fenômeno calorífico como um fenômeno de agitação, ao acaso das moléculas. A partir dessa descoberta, a ideia de ordem universal modificou-se e passou a ser debatida por uma nova ótica da desordem no campo da física.

Nesse sentido, Morin (1999) afirma que essa modificação na desordem foi iniciada pelo segundo princípio da termodinâmica, que reconhece na energia um poder polimorfo de transformação (energia mecânica, elétrica, química etc.). Morin (1977, p. 38) afirma ainda que: “este princípio oferece ao universo físico uma garantia de autossuficiência e de eternidade para todos os seus movimentos e trabalhos.” De acordo com este princípio, o universo tem um comportamento de maior desordem.

Com base nessa desordem, novas descobertas, pesquisadas pela física quântica, pela cosmologia e pela física do caos, surgiram. Segundo Morin (2002, p. 561), “há uma espécie de cooperação entre ambos, cooperação da qual nasce uma ideia ausente na física clássica, que é a de organização”. Em outras palavras, nesse processo, as ideias de ordem e de desordem não se excluem, delas surgem uma nova compreensão sobre o princípio da ordem e da desordem.

Assim, norteador por esses três princípios, Morin apresenta o pensamento complexo, não para substituir a ideia de ordem, separabilidade e desordem, mas para unir os pensamentos que foram fragmentados durante esses períodos. Nesse sentido, o pensamento complexo tem suas bases epistemológicas em três teorias: teoria da informação, cibernética e teoria do sistema.

Para entender o conceito de teoria da Informação, recorre-se ao conceito de Petraglia (2001, p. 26), ao afirmar que essa teoria científica, “se ocupa essencialmente da análise matemática dos problemas relativos à transmissão de sinais no processo comunicacional.” Essa teoria tem como base o princípio dialógico. De acordo com Morin (2015, p. 74), o princípio dialógico “permite manter a dualidade no seio da unidade. Ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos”. Ademais, a informação ocorre do nosso diálogo com o mundo, simultaneamente, das ações cotidianas baseadas na dualidade e complementariedade.

Na cibernética, a ciência “se ocupa do estudo das comunicações e do sistema de controle dos organismos vivos e da máquina geral” (PETRAGLIA, 2001, p. 26). Essa teoria embasa o princípio guia-retroação (causa-efeito), no qual uma curva de retroação (*feedback*) pode ser estabilizadora, ou desestabilizadora, dependendo do contexto. Ela fundamenta o princípio da recursão organizacional.

Conforme enfatiza Morin (2015, p. 74), “um processo recursivo é um processo em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do que os produz”. Amparado nesta concepção, o ser humano é ao mesmo tempo produto e produtor de suas ações cotidianas.

A teoria dos sistemas se inicia apresentando a compreensão de que o todo é mais que a soma das partes. Ela aponta, também, que a existência de qualidade emergente aparece da organização do todo, podendo retroagir sobre as partes; “o todo é também menos que a soma das partes” (PETRAGLIA, 2001, p. 27). Para entender esse “todo” e essa “parte”, inicialmente, precisa-se compreender o que são os sistemas, compostos por átomo, molécula, sol, galáxia, biosfera, sociedade e ser humano.

Essa compreensão resulta na concepção de outro princípio-guia: o hologramático, em cuja definição de Morin (2015, p. 74), “não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte”. Este princípio integra, ao mesmo tempo, o mundo biológico e sociológico, formando assim a ideia de trindade das teorias: informação, sistema e cibernética, a qual se concretiza por meio da ligação e da conexão dos princípios: hologramático, recursivo e dialógico, presentes na vivência humana.

Dessa maneira, ao refletir sobre a vivência humana no contexto educacional, especialmente sobre o trabalho do Orientador Educacional, atenta-se para a ressignificação das práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço escolar. Isso é possibilitado por meio de projetos, palestras, atendimentos individuais e coletivos de alunos, professores, equipe gestora e administrativa e dos pais.

As ações a serem desenvolvidas pelo Orientador Educacional, em tempos de pandemia, devem ser planejadas considerando: a ordem (organização estrutural dos projetos educativos); a separabilidade (por meio das práticas pedagógicas que integrem e reestabeçam as relações socioafetivas entre alunos, professores e pais); e a desordem (que exige repensar todo o processo de ensino-aprendizagem). Essas ações, para serem concretizadas, precisam envolver a participação de toda a equipe escolar.

Dessa maneira, essa tríade teórica percorre um caminho trilhado pela junção/disjunção, evidenciando a necessidade de um pensamento que permita interação sem exclusão, especialmente em uma relação de saberes que contemple práticas pedagógicas, ordem, separabilidade e desordem; de maneira que, embora antagônicas, possam ser complementares no espaço escolar.

Em vista disso, conhecer o contexto histórico do Orientador Educacional, apresentado no início deste trabalho, permite identificar, no decorrer dessa trajetória histórica, como sua atuação foi sendo imbricada, de maneira implícita, por estes princípios de ordem, desordem e separabilidade; bem como, pelas teorias dos sistemas de informação e de cibernética, em que cada uma apresenta uma concepção de ser humano.

Orientação Educacional sob a ótica dos princípios-guias do pensamento complexo

Os princípios se apresentam relevantes para a condução de uma discussão na perspectiva de um novo olhar sobre as práticas pedagógicas a serem desenvolvidas no contexto educacional. Por meio do trabalho de orientação educacional, os profissionais estão exercendo novas funções no espaço escolar, tendo como foco a formação humana.

Na busca pela relação dos diferentes saberes no contexto educacional, os setes princípios surgem como um novo caminho a ser percorrido. Isso acontece por meio das ações pedagógicas que podem ser pautadas na perspectiva dos princípios-guias: princípio sistêmico, princípio hologramático, princípio do circuito retroativo, princípio do circuito recursivo, princípio da autonomia/dependência (auto-organização), princípio dialógico, e reintrodução do conhecimento.

O princípio sistêmico ou organizacional tem como objetivo ligar o conhecimento das partes ao conhecimento do todo. Sobre isso, Pascal (1640 *apud* MORIN, 2003, p. 94) afirma ser “impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer as partes, particularmente, as partes”. Este entendimento deixa claro que o todo se consolida pelo processo de interação e sinergia das partes.

Partindo desta concepção, compreende-se a escola como um sistema que permite a interação entre as relações internas e externas. Essas relações se tornam eixos norteadores de construção individual e coletiva de conhecimento, haja vista que uma das atribuições do Orientador Educacional é contribuir para a criação de vínculos afetivos entre alunos e alunos, alunos e professores, pais, gestores administrativos e pedagógicos. Assim, por meio das ações colaborativas interdependentes, a tessitura de relação dos saberes vai sendo construída.

O princípio hologramático leva a compreender o aluno em diferentes aspectos. Embora sejam antagônicos, como o cognitivo e o afetivo, esses aspectos são complementares em um paradoxo no qual somos inteligência e emoção. Especialmente no contexto pandêmico, os paradoxos devem servir como parâmetros para o processo de ensino-aprendizagem. Sobre o princípio hologramático, Morin (2003, p. 94):

Põe em evidencia este aparente paradoxo das organizações complexas, em que não apenas está no todo, como o todo está na parte. A sociedade está presente em cada indivíduo, enquanto todo, por meio de sua linguagem, sua cultura, suas normas.

Amparado nesse conceito, o Orientador Educacional busca em suas ações pedagógicas cotidianas levar os envolvidos no processo educacional a compreenderem que o todo se compõe do

mundo biológico e social, ou seja, que os envolvidos no processo educacional têm carga genética e concepções de mundo diferentes, sendo também parte da sociedade que adquirirá novos saberes. Dessa maneira, um conhecimento não se sobrepõe ao outro, pois alunos, professores e pais são, em um único tempo, o todo e a parte inseridos por meio da cultura, da linguagem e das relações, gradualmente construídas no convívio social e escolar.

Já no princípio do circuito retroativo, introduzido por Norbert Wiener, de acordo com Morin (2003, p. 94), é permitido “o conhecimento dos processos autor reguladores. Ele rompe com o princípio da causalidade linear: a causa age sobre o efeito, e o efeito age sobre a causa”. Esse princípio também é entendido como *feedback*, causa-efeito.

O fazer pedagógico sob a ótica de causa-efeito rompe relações lineares baseadas em uma mão única: positiva/negativa. Isso evidencia a sua necessidade na orientação educacional, por possibilitar pensar e desenvolver práticas pedagógicas que conduzam a novas maneiras de interagir entre si. O intuito, baseado no princípio retroativo, é construir vivências prazerosas que permitam conviver com a diversidade cultural e com o distanciamento causado pela pandemia.

O princípio do circuito recursivo ultrapassa a noção de regulação com as de autoprodução e auto-organização. De acordo com Morin (2003, 1995), esse princípio ultrapassa a autorregulação, entrando num processo de auto-organização, caracterizado por um espiral evolutivo do sistema. Nesse processo, os produtos e efeitos são eles próprios produtores e causadores daquilo que produz, ajudando, portanto, a compreender o fato de o indivíduo produzir a sociedade e ser por ela influenciado, mediante a linguagem e a cultura. No espaço escolar, isso acontece na relação entre orientação educacional, alunos, professores e pais, na qual tanto se ensina como se aprende, por meio das vivências diárias. Todos os envolvidos no processo educacional são produtos e produtores dos diversos saberes.

O princípio da autonomia/dependência (auto-organização) apresenta a necessidade de superação da dicotomia: autonomia e dependência, no seio da organização escolar (MORIN, 2003). Esses fenômenos, embora aparentemente antagônicos, são complementares e indissociáveis, pois se nutrem da relação autonomia/dependência. O aluno só pode ser autônomo tomando-se por base suas relações no contexto em que vive, e seus fluxos nutridores. A autonomia é inseparável de sua dependência; essa relação introduz também a ideia de autoeco-organização.

De acordo com esse princípio, o Orientador Educacional, aluno e professor são inseridos no processo de interação e conseguem produzir conhecimento, transformando assim o contexto escolar. Mediados por uma autoeco-organização, a autonomia é construída diariamente pelas experiências vivenciadas no ambiente escolar e familiar, pela troca de conhecimento, de valores éticos e de valores morais.

A prática pedagógica do Orientador Educacional, à luz deste conceito, parte da compreensão de que os movimentos antagônicos e complementares estão presentes nas nossas vivências individuais e coletivas, em âmbito educacional e social, e articulados por meio da cultura e da linguagem, de forma a contribuir para formação integral do aluno.

Correspondente a esse princípio, tem-se o princípio dialógico, que segundo Morin (2015, p. 74), “permite manter a dualidade no seio da unidade. Ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos.” Esse princípio concebe que o universo, em sua concepção, vive a dualidade da ordem e da desordem refletida pelas regras, normas e atividades repetitivas; e o conhecimento construído pela fragmentação e desordem gera imprevisibilidade ao ato de ensinar e aprender nas relações, pela interação cultural.

Baseado nessa concepção, o princípio dialógico ajuda ressignificar a prática pedagógica do Orientador Educacional, pautando-se nas vivências de atendimento a alunos, professores e pais, seja no ensino remoto, ou no ensino presencial, cujas necessidades educacionais precisam ser compreendidas e superadas em meio a essa dicotomia. Esse atendimento exige um repensar diário das ações pedagógicas.

Com isso, o princípio da reintrodução do conhecimento em todo o conhecimento opera na restauração do sujeito e revela o problema cognitivo central: o “da percepção à teoria científica, todo conhecimento é uma reconstrução/tradução feita por uma mente/cérebro, em uma cultura e época determinadas” (MORIN, 2003, p. 96).

Dessa forma, o princípio reintroduz epistemologicamente e metodologicamente o sujeito

esquecido pelas epistemologias tradicionais, tendo em vista que o princípio alerta para inserção do aluno no processo de ensino-aprendizagem, de forma que o aluno seja o centro dessa construção individual e coletiva do conhecimento. Logo, a aquisição de saberes perpassa por um processo contínuo de ordem e desordem, visto que o aluno traz consigo sua história de vida. Ademais, orientador educacional, aluno e professor são sujeitos históricos, biológicos, sociais, dotados de metanarrativas.

Compreende-se, dessa forma, que estes princípios-guias, como declara Morin (2003), auxiliam na reflexão, e apontam para novas possibilidades no fazer pedagógico do Orientador Educacional, religando os saberes. Permeados por uma constante transformação interconectada, a religação de saberes pode ser iniciada no planejamento de trabalho do Orientador Educacional. Para os autores Moraes e Valente (2008), os princípios-guias são classificados como operadores cognitivos do pensamento complexo, compreendidos como instrumentos, ou categorias facilitadoras, que colocam em prática esse pensamento.

Em vista disso, esses princípios abrem um leque de oportunidades para se repensar as ações pedagógicas a serem desenvolvidas pela orientação educacional ao longo do ano, especificamente em atividades escolares que devam primar pelo cuidado com a saúde física e mental de alunos, professores e demais servidores da escola.

Em síntese, os princípios-guias do pensamento complexo podem contribuir em todo o processo de ensino-aprendizagem, pois orientador educacional, professores e demais servidores são levados à compreensão do ser humano em sua multidimensionalidade. Sob perspectivas antagônicas e complementares, diante do cognitivo e do emocional, da autonomia e da dependência, essa compreensão e prática são possibilitadas nas convivências escolares, como também nas familiares. Especialmente no contexto pandêmico, a reintrodução do aluno ao ato educativo através de *feedbacks* positivos são ferramentas que auxiliam na construção de convivências saudáveis na escola.

Considerações

Embora tenha sua função e atribuição definida na legislação educacional, de acordo com a narrativa histórica, percebe-se que durante atuação nas escolas, ao orientador educacional foram atribuídas diversas ações ao seu fazer pedagógico. Ele teve que atuar, em alguns momentos, como orientador vocacional e aconselhador, solicitado sempre no atendimento técnico e resolutivo de questões pertinentes ao contexto educacional.

O pensamento complexo surge, nesse íterim, como uma ferramenta que une esses diversos entendimentos sobre o fazer pedagógico do Orientador Educacional, especialmente durante a pandemia, em que os alunos necessitavam ser compreendidos em sua multidimensionalidade – aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais – para que se sentissem acolhidos no retorno às aulas presenciais.

Os princípios-guias de um pensar complexo podem contribuir, assim, lançando “luzes” ao fazer pedagógico do Orientador Educacional que, ao conceber uma nova visão de alunos, professores e pais, pautam todas as suas ações pedagógicas, seus projetos, planos de trabalho, atendimentos e acompanhamentos pedagógicos, numa perspectiva de pensamento que reconecte os diferentes saberes.

Em tempos de pandemia, em que todo o processo educacional é ressignificado, é necessário voltar o olhar para a atuação do Orientador Educacional, pois, dentre as várias atribuições dadas a este profissional no contexto pandêmico, a de maior destaque é aquela relacionada ao acolhimento dos alunos, professores, da equipe gestora pedagógica e administrativa e dos pais, permitindo com isso um retorno às atividades escolares de forma cuidadosa e prazerosa.

Referências

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília: Presidência da República, 1996.

- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- GRINSPUN, M.P.S. **A prática dos orientadores educacionais**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PORTO, O. **Orientação Educacional: teoria, prática e ação**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2009.
- MORAES, M. C.; VALENTE, J. A. **Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2008.
- MORIN, E. **O Método I: a natureza da Natureza**. Lisboa: Europa-América, 1977.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- MORIN, E. **O método I: a natureza da natureza**. Lisboa: Europa-América, 1977.
- MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal: EdufRN, 1999.
- MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Tradução: Flavia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, E. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MORIN, E. **Meus demônios**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MORIN, E. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Tradução: Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PETRAGLIA, I. **Olhar sobre o olhar que olha: complexidade, holística e educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PORTO, O. **Orientação educacional: teoria, prática e ação**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

Recebido em 30 de janeiro de 2022.
Aceito em 19 de dezembro de 2022.